



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUCIANO FINARDI

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-502

Entrevistado: Luciano Finardi

Nascimento: 15/01/1966

Local da entrevista: Residência do entrevistado, Porto Alegre, RS

Entrevistador: Gustavo Bernardi

Data da entrevista: 05/12/2014

Transcrição: Gustavo Bernardi

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 28 minutos e 51 segundos

Páginas Digitadas: 11 páginas.

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do CEME

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no Esporte; Clubes do início da carreira; Técnicos da sua carreira; Situação da esgrima no Rio Grande do Sul; Patrocínios; Mulheres na esgrima; Diferentes armas que competiu; Competições fora do Rio Grande do Sul; Vida fora do esporte; Trajetória antes os Jogos Olímpicos: vitórias e conquistas; Preparação para os Jogos Olímpicos; Convocação; Participação nos Jogos Olímpicos de Barcelona: transporte, alimentação, moradia; Abertura e encerramento dos Jogos; Experiências negativas; Repercussão dos Jogos Olímpicos para a sua vida; Repercussão para o Rio Grande do Sul; Carreira pós-Olimpíadas; De técnico a árbitro pontos positivos e negativos; Visão referente ao que o esporte lhe oferece.

Porto Alegre, 05 de dezembro de 2014. Entrevista com Luciano Finardi a cargo do pesquisador Gustavo Bernardi para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

G.B. – Como foi a sua inserção no esporte já iniciou na esgrima ou praticava algum outro esporte? Quando tu notou que era bom nisso?

L.F. – Bom. Na verdade foi um desafio. Eu nasci no interior em Passo Fundo¹ com 8 anos vim a Porto Alegre e morava por casualidade na mesma rua do Grêmio Náutico União, morava a 400 metros do Grêmio Náutico União, e comecei a estudar no colégio e ia ao clube como qualquer criança, jovem naquela época podia ir a pé. Podia ir tranquilamente para o clube e eu fazia natação, fiz basquete, aquela parte pluridisciplinar dos esportes dos 8 aos 12 anos até que por casualidade nos 12 anos eu estava jogando futebol, e sempre era divertido e tal, ai quando eu vejo a equipe de esgrima correndo ao redor do campo de futebol, eu vejo que o técnico é super gordo, ai eu olhei para o técnico e falei para os meus amigos: “Aquilo ali não é técnico de esgrima, aquilo ali é o Sargento Garcia²”. O que aconteceu ele ouviu e falou assim: “O quê?” e parou o jogo de futebol. Então, todos os esgrimistas vieram ali e ele falou assim: “Tu me chamou de Sargento Garcia, tu não têm respeito?”. Eu tinha 12 anos, e eu disse: “Com essa barriga tu parece mais o Sargento Garcia mesmo”. Ele falou : “Então vou te dar uma espada e se tu conseguir tocar em mim, tu vai ser campeão brasileiro” e eu falei: “Bom, então eu já sou campeão brasileiro”. Imagina a minha petulância! Então ele me deu uma espada efetivamente, me botou uma mascara e eu sem nunca ter pego nada na mão e comecei a duelar com ele e fui com tudo e todo mundo olhando meus amigos do futebol, pessoal da esgrima, depois de cinco minutos ele disse “se tu continuar na esgrima, tu vai ser o melhor atleta do Brasil e daqui a um mês te coloco no campeonato brasileiro”. Eu disse: “Como é?”. Ele disse: “Vamos sim e têm outra quero falar com teu pai e com a tua mãe para já te resgatar”. Foi assim que eu entrei na esgrima.

G.B. – Tu citaste teu pai e a tua mãe, tua família te incentivou no começo?

¹ Cidade do Rio Grande do Sul.

² Referência ao personagem da série de televisão dos anos 1950 e 1960, Zorro.

L.F. – Bastante. Minha família é toda de desportistas. Então eu já tinha essa veia de atleta no corpo, porque meu pai era corredor e meu irmão era lutador e os outros dois irmãos também faziam esportes, então tudo estava ligado a esportes, eu era o casula. Mas esgrima é uma coisa diferente, quem é que é esgrima? Ninguém sabia, mas foi assim que eu iniciei e sempre tive todo o incentivo da minha família desde o início.

G.B. – E fora o Grêmio Náutico União teve algum outro clube no início da tua carreira?

L.F. – Não. No começo não. No começo foi sempre o União eu pratiquei pelo União durante 15 anos praticamente e depois eu fui para a Sogipa³, mas sempre fui dentro desses dois clubes só ai.

G.B. – Teve algum técnico que te incentivou e marcou?

L.F. – Sim. Eu tive vários técnicos. Quem me deu toda a base, noção, condição, luta, e temperamento foi o João Antônio da Silva Rosa, ele tem mestrado em Educação Física, Psicologia e Filosofia então ele tinha aquela parte mentora do atleta é um grande mestre que me deu toda a estrutura e me dá até hoje. Eu tive um grande técnico Frances Dominique Solare que me deu toda parte técnica francesa precisa. Eu tive técnico romeno Ioundriba⁴. Tive técnicos cubanos, alemães, então eu tive um pouco de cada escola mesmo porque eu viajava pelo Comitê Olímpico Brasileiro para aprender essas novas escolas e eu fiz uma faculdade de esgrima e educação física dentro do exercito. Eu me formei na França em Mestrado de Esgrima.

G.B. – Nessa época como era a esgrima no Rio Grande do Sul?

L.F. – Vamos dizer assim em 1991 e 1992. Então foi uma época que, como tinha surgido dois talentos, três talentos muito fortes e eu era um deles e outros dois colegas meus. Era tipo assim, não vou dizer o Guga⁵ do tênis, mas uns caras muito forte da esgrima estavam surgindo, então era época de fazer o que estão fazendo hoje de bastante intercâmbio, hoje em dia tem passagem, antes não tinha telefone, celular, email, Facebook, não tinha nada

³ Sociedade Ginástica Porto Alegre.

⁴ Nome sujeito a confirmação.

então era carta. Hoje não, hoje é tudo tranquilo o intercâmbio, hoje as pessoas fazem tranquilamente uma passagem e vão. Naquela época não, tu tinha que planejar para ir para a Europa, eu tenho recortes de jornal de eu pedindo patrocínio para ir para a Holanda, então é uma coisa completamente diferente, mas foi isso, o início foi assim.

G.B. – Tu citaste patrocínio, tinha algum clube que te patrocinava. O Grêmio Náutico União te patrocinava?

L.F. – Não, só o Grêmio Náutico União. No momento que tu começa a representar o Brasil, essa foi uma grande vantagem pra mim, porque eu, na primeira prova que eu joguei no Rio de Janeiro, fiquei em segundo e durante os 10 outros anos eu ganhei. Então eu fui membro do comitê olímpico brasileiro durante vinte e dois anos, então durante esses 22 anos quem me patrocinava era o clube, eu dava aula no clube também e a confederação brasileira de esgrima.

G.B. – Você lembra se tinha alguma mulher praticando esgrima 1992?

L.F. – Sempre teve mulheres. Esgrima sempre teve mulheres porque são as mesmas armas masculinas são femininas. Têm muitas esgrimistas muito boas de todo o mundo.

G.B. – Desde o principio tu começou na espada ou foi com outras armas?

L.F. – Não, eu comecei no florete. Não que antigamente se considerava a primeira arma e eu joguei florete praticamente 3 ou 4 anos e depois comecei a jogar espada e até sabre eu joguei. Mas joguei durante muitos anos florete e espada. Era bom nas duas, assim, aí depois decidi ir para a espada.

G.B. – Nesse início tu chegou a sair do Rio Grande do Sul em algum momento?

L.F. – Sempre. Esgrima é um esporte que te dá, teoricamente eu dizia para as mães que os filhos ia fazer esgrima, “teu filho vai virar um mochileiro”, porque a grande vantagem da esgrima é que têm muito circuitos mundiais, americanos e sul-americanos e tu pode se

⁵ Gustavo Kuerten.

inscrever em qualquer um. Tipo Fórmula 1, tu entende? Então tu pega teu saco de armas e pega o avião chega lá na França e tu vai encontrar as mesmas pessoas que tu encontrou na Alemanha a um mês atrás, então aquela coisa passa a ser um clube em que tu ganha de um e perde para o outro e depois perde e ganha. Tu passa a ser um nômade, então tu viaja por todo o mundo, todo o Brasil. Tu olha o Facebook do pessoal, estou em Miami, Japão, Moscou. Então tu viaja bastante.

G.B. – Sobre o início da sua carreira antes dos Jogos Olímpicos têm mais alguma coisa que tu queira comentar?

L.F. – Antes dos Jogos Olímpicos? Eu trabalhei muito tempo com automóveis, eu gostava muito de automóveis, então eu trabalhei em concessionária onde fui vendedor de automóveis. Comecei a dar aula de esgrima e comecei a fazer aula esgrima. Eu estudei Engenharia Mecânica na UFRGS⁶ durante três anos eu fiz vestibular e passei. Desde os meus 16 anos eu trabalho então, eu sempre trabalhei até hoje e antes da Olimpíada eu já tinha feito o mestrado na França e antes da Olimpíada eu tinha praticamente dois trabalhos: o ramo de automóveis e o esporte.

G.B. – Em que turnos você trabalhava e que turnos você treinava?

L.F. – No início eu treinava. Foi bem distinto assim quando eu comecei a trabalhar, eu já tinha os meus 28 anos. Eu era praticamente atleta, estudar e atleta, mas eu treinava muito intenso, eu treinava em torno de quatro horas por dia no turno da noite e de manhã cedo eventualmente duas horas bem cedo, pelas seis horas da manhã e quatro horas a tarde. E estudava durante esse período durante o dia, então era puxadíssimo.

G.B. – Tu pode descrever a tua trajetória antes dos Jogos?

L.F. – Isso tu tem que estar completamente objetivado a isso e não têm como não estar porque ganha quem está mais focado. Os dois atletas podem ter as mesmas valências físicas no dia e ganha aquele que quer mais, não adianta. Nunca me esqueço na última

⁶ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

prova que tive que jogar para me classificar, penúltima prova, foi no Ibirapuera⁷ em São Paulo e: “Onde é que tu vai dormir?” E: “Eu vou dormir no ginásio”; “Mas que loucura! Porque tu não vai dormir no hotel descansar” e eu disse: “Não, vou dormir no ginásio”. Então dormi e me acordei seis horas da manhã, um frio e botei uma toca e fui para o último andar do ginásio que é enorme e fiquei olhando todo mundo que entrava. Observei todos os atletas que entravam e o jeito que entrevam e que saíam e o jeito que caminhavam e ganhei a prova invicto de sessenta lutas, então, eu estava tão assim que ninguém podia ser mais do que eu, mais ligado e concentrado. E a segunda prova foi a que foi eliminatória para a Olimpíada, estava eu e mais cinco adversários lutando por uma vitória que então eu tinha entrado na final e eu tinha que ganhar e ir pra uma Olimpíada conta até os toques que você recebe e eu estava deitado no chão e minha mãe chegou para mim no meu ouvido e disse “o que é para ser, será” e eu fui lá e ganhei e consegui ir pra Olimpíada. Foram dois momentos bem diferentes.

G.B. – Como foi a tua preparação para ir para os Jogos Olímpicos?

L.F. – Foi forte! Mesmo sabendo que não ia ter chance. Porque os caras são profissionais. A gente faz uma turnê assim de seis meses antes da Olimpíada fizemos Alemanha, Estocolmo, Barcelona, tudo em 15, 20 dias treinando com as equipes principais. Porque para eles é que nem futebol, tu vai para um mundial de futebol, se chegar aqui a equipe da China agora não são todos bons, mas o Brasil ia jogar tranquilamente, então a gente era bem recebido, porque eles sabiam que a gente não ia ganhar deles. Então a gente fazia estágio com a equipe alemã, ficava amigo, fazia estágio com a equipe da Itália e eles lá se matando e nós lá aprendendo. Para tirar décimo quinto lugar, 20º lugar, nós não ia competir, o nível é completamente ou absurdamente diferente.

G.B. – Tu já citaste um começo, mas eu gostaria que tu falasse um pouco mais como foi essa convocação?

L.F. – Então a convocação normalmente é feita dois anos antes. É feito assim e as Olimpíadas foram mudando, eu deixei de ir para Atlanta por dois toques que eu recebi. Eu deixei de ir para a China por um ponto. Então como é que é feito? O que vai valer? Vai

⁷ Parque Ibirapuera em São Paulo.

valer as últimas oito provas, que tu pode eliminar uma só, que na Olimpíada que eu fui só ia os dois melhores do país. Hoje mudou, hoje são os oito melhores por continente, então muda isso a cada Olimpíada muda porque vai entrando outros esportes e eles vão dificultando. Então eu só podia ganhar, só podia ser o primeiro, a não ser que eu estivesse no ranking mundial, então durante dois anos foi assim eu treinava cada vez mais e eu sentia que eu estava melhor, fui campeão brasileiro nas duas armas, florete e espada. Fui campeão sul-americano, fui ao pan-americano, tinha jogado mundiais e provas do mundial, eu tinha ficado em quinto numa prova B na França, eu estava sentindo que eu estava no meu melhor, mais do que aquilo ali não tinha como, então foram dois anos intensos.

G.B. – Como você analisaria a sua participação nos Jogos Olímpicos de Barcelona?

L.F. – Em Barcelona jogaram os 64 melhores do mundo só e claro que os 32 primeiros são os melhores e os outros 32 são os outros. Conforme tu entra na chave só tem uma eliminatória é a mesma coisa que eu começasse, eu vou pegar sempre um cara na frente extremamente forte, então eu perdi para um sueco, perdi pra um alemão que os caras são patrocinados, vivem disso, têm toda uma estrutura e fiquei em 60º na Olimpíada, mas não tinha como ter um resultado melhor, tanto que hoje em dia na Olimpíada o melhor resultado foi dessa menina agora, uma menina que ficou acho que em quarto⁸, em uma Olimpíada, muito difícil. O resultado não tem como não ser, não tem porque o cara já entra ali, o teu adversário, ele está acostumado a jogar com cem adversários por semana do nível dele e eu para mim jogar com meu adversário, eu tinha que ir a São Paulo. O treinamento não existia no mesmo nível e do mesmo porte.

G.B. – Tu achas que essa diferença é causada pela falta de estrutura?

L.F. – Não. Não, é só estrutura, também é falta da estrutura. Vamos supor se eu tivesse ido com 16 anos para a Europa e ficado lá, com certeza eu teria melhores resultados. Têm o exemplo dos venezuelanos, dos cubanos que são países até mais fracos que a gente, mas que fizeram o intercambio na hora certa. Então tu pega o guri crescendo ali e nessa hora é a hora do investimento e não lá depois. Claro, eu poderia ter sido assim, eu fui um dos melhores do Brasil porque eu pude ir para fora, agora para ser o melhor do mundo tem que

estar no mundo, entendeu? Tem que estar participando de provas lá fora e não aqui. Não adianta, é que nem correr 100 metros, eu nunca me esqueço de nós lá na Olimpíada e o Robson Caetano⁹ desceu com a chuteira amarrada, todos os atletas olhando, e ele desceu o elevador com o Aurélio Miguel¹⁰, todo mundo ali, os atletas de vôlei e disseram: “Vamos lá, que tu vai ganhar” e ele: “Eu não vou ganhar, porque eu vou correr de fusca.” E nós: “como assim, tu vai correr de fusca?” E ele: “Porque eu não fui para a Europa esse ano, eu não pude ir por causa disso e por causa daquilo e enquanto os caras estão correndo de Mercedes, eu estou correndo de fusca”. Ninguém entendeu, o que ele quis dizer é que o corredor quando arranca se ele está tendo ali os melhores, americanos, canadenses, russos, franceses na frente dele, ele vai aspirando aquilo ali e vai junto. Agora se ele vai correr América do Sul que tem os matungo¹¹ aqui, ele vai junto, então ele quis dizer isso que como ele não tinha ido para a Europa treinar, ele não ia conseguir pegar os cara agora. Então é a mesma coisa que eu estou te falando, se eu não lutar com Wanderlei Silva¹², antes, eu vou apanhar dele quando eu for lutar com ele.

G.B. – Falando um pouco mais sobre Barcelona, o que tu achou da alimentação, transporte? Tevê alguma coisa que te marcou?

L.F. – Não. Barcelona foi perfeito, tudo perfeito! Não deu nada de errado, nada de errado! Fizeram uma vila olímpica maravilhosa. Foi tudo perfeito. Alimentação então, era absurdamente farta. Mesmo porque em uma Olimpíada eles têm que suprir todas as necessidades orgânicas de todos os atletas de todos os países. Então tem desde comida japonesa, chinesa, africana têm tudo 24 horas por dia, então era uma diversão, mas tem que se controlar se não sai fora do peso.

G.B. – Barcelona foi uma das Olimpíadas que digamos foi patrocinada pela indústria privada, tu chegou a notar isso?

⁸ Nome sujeito a confirmação.

⁹ Robson Caetano da Silva.

¹⁰ Aurélio Fernandez Miguel.

¹¹ Expressão regional que se refere a cavalo comum, que não tem raça pura.

¹² Wanderlei César da Silva, lutador.

L.F. – Eu sei que Barcelona eles fizeram umas trocas, porque, vamos supor que eles pegassem o nosso porto aqui que é super poluído e a construção civil que fariam ali os prédios, as vilas, os negócios, a parte esportiva, tudo ficaria em propriedade dessas empresas em troca da despoluição do rio, onde eles tinham algumas provas e a vila olímpica era numa praia que era um rio despoluído. Então eu sei que deu muito sucesso, mas também sei que depois eles tiveram problemas com governo. Porque toda Olimpíada é para ganhar dinheiro, sair milionário, que nem copa do mundo e eu sei que eles ficaram riquíssimos. Lá foi uma das poucas que não deu prejuízo.

G.B. – As instalações olímpicas o que tu achou? Alojamento onde é que tu ficou?

L.F. – Isso são apartamentos como esse¹³. São apartamentos que eles fazem que normalmente eles põe esportes, o nosso prédio, então eles põem assim esportes mais ou menos parecidos. Então ficou nós, o tiro e o arco e flecha, esportes de concentração, esportes que não tem muito agitação, esportes individuais. Eram apartamentos bem mobilhados, ar condicionado, tranquilo, não tem luxo é uma coisa bem tranquila para o atleta chegar, não tem nem quadro na parede é para o atleta chegar e só. Toda padronização é olímpica. Então no máximo que tu vai encontrar vai ser um *totem*, não sei, isso e aquilo do esporte.

G.B. – Tu chegou a participar da abertura e do encerramento da Olimpíada?

L.F. – Da abertura sim. Do encerramento não. Porque nem um atleta fica do início ao fim da Olimpíada, acaba a prova e ele vai embora. Por medida de custo. A não ser que tu peça desligamento e fique e mesmo assim hoje é proibido, então o que acontece? Quem vai as provas que são no início, os atletas vão na abertura, e as provas que são no final vão no encerramento. Eu acho que a abertura é mais emocionante. Não tem coisa igual mesmo, porque a Olimpíada de Barcelona eu fiquei pela ordem das letra A a B do Brasil, o Brasil ficou atrás do arqueiro que foi um arqueiro que ateou e jogou lá na tocha então foi muito emocionante.

¹³ O entrevistado faz referência ao seu próprio apartamento.

G.B. – Na sua experiência nos Jogos Olímpicos teve alguma experiência negativa? Alguma coisa que tu não gostou?

L.F. – Difícil. É difícil. Não sei o que eu diria assim porque na Olimpíada só tem coisas positiva. Não vi. Não vi nenhum tipo de injustiça, porque normalmente tem aquelas injustiças dentro dos esportes, que nem o corredor que perdeu a medalha porque o cara foi lá abraçar, beijar ele, mas é muito centrado, não têm bebida alcoólica, tem que dormir até as 11 horas, não pode sair da vila, é uma coisa que é específica do esporte, não tem como, tu vai para lá fazer o teu esporte e tchau. Esse é o objetivo que não deixa as coisas acontecerem.

G.B. – Na tua análise tu vê a Olimpíada como sendo totalmente diferente, totalmente aparte de outras competições internacionais como os mundiais?

L.F. – Sem duvida. Não tem comparação. Tanto que o Brasil nunca foi campeão olímpico de futebol. Porque é outra mentalidade. O tênis, por exemplo, os caras não ganham prêmio, com o tênis eles ganham só a medalha, então o cara vai lá pela honra do mérito. Vai lá o tenista que ganha no campeonato mundial 20 milhões, ele vai ganhar a medalha então o que faz isso em muitos esportes? Faz com que a pessoa que é boa mesmo e que não é vinculada ao capital ganhe. Essa é a diferença que nos esportes, nem sempre o campeão mundial é o campeão olímpico.

G.B. – Quando tu voltou, qual foi a repercussão dos Jogos Olímpicos na tua carreira?

L.F. – É um legado que tu leva para os teus filhos, para tua família, para os teus pais, tu sempre é mencionado. Tu sempre é mencionado, porque tu é um herói, ninguém pode dizer eu vou para uma Olimpíada, porque pode quebrar teu pé e tu não vai, então, como eu te falei, foi um sonho que eu sempre tive e trabalhei pra isso. Estudei, me formei e soube levar. Isso que eu não tinha condição nenhuma naquela época, isso pela minha vontade e pelos meus resultados. Não tinha nem pai nem mãe bancando. Era tudo pela minha qualificação, então isso é uma coisa que ninguém te tira. Entendeu vai ter uma próxima Olimpíada agora no Brasil e ai se dá essa ênfase de novo a tudo. Mas é muito difícil, eu vejo os próprios atletas agora que vê quantos resultados olímpicos o Brasil tem agora, é

pouquíssimos e quantos gaúchos vão então naquela época tinham ido cinco gaúchos só. Então é que eu acho assim, isso aí muda e cada vez fica mais difícil e é uma Olimpíada.

G.B. – Qual é a repercussão dos Jogos Olímpicos e se tu vê a repercussão da tua participação para o Rio Grande do Sul?

L.F. – Foi muito boa. Porque o que acontece no momento que tu trabalha depois e todas as tuas relações que tu menciona que tu foi atleta olímpico, teu filho no colégio, teus irmãos “ele foi atleta”, o professor, os amigos, fala em um atletas olímpicos: “Ah sabe ele? Conhece?” Se conhece todo mundo, então, é um vínculo, que como eu te falei, é um vínculo heróico. Lá em 1992, já fazem quase 16 anos, e ainda mantém esse negócio. Então acho que tem que ser valorizado sim porque se hoje uma pessoa quiser ir, eu sei o quanto seria difícil. Eu estou vendo pelos atletas brasileiros, eles estão rodando o mundo, eles não param em casa, então eles deixam de ver a namorada, ver os pais, ver a mãe até de estudar, vão para o frio, vão para o calor, sofre porque um guri lá de 17 ou 18 anos é uma coisa, mas ele está abdicando de outras coisas também. E as vezes chega ali e não vai, então é isso que eu acho a grande vantagem é essa riqueza energética que ela te deposita.

G.B. – Quando tu voltou das Olimpíadas tu continuou competindo?

L.F. – Sim, claro. Nunca deixei de competir. Agora sim, mas competi mais de 10,15 anos depois. Se tu vai pra uma Olimpíada tu é de longe um dos melhores do teu país, então tu ainda mantém aquele legado por vários e vários anos. Depois da Olimpíada eu participei ainda de vários mundiais e pan-americanos.

G.B. – Essas participações ainda vinculadas ao Grêmio Náutico União?

L.F. – Não. Depois da Olimpíada eu passei para a Sogipa. Comecei a jogar pela Sogipa e fui aos Pan-americanos todos que teve.

G.B. – Depois desse período de competições, quando tu se aposentou como profissional, tu chegou a virar arbitro, virar técnico?

L.F. – Eu me formei como técnico. Então tive também esse problema, porque eu dava aula para os meus alunos e competia com eles. Então é o primeiro problema que tem tu competir e treinar com teus próprios alunos. Então depois eu comecei a arbitrar e quando eu comecei a arbitrar aí é pior, porque eu competia dava aula e também arbitrava. Então não poderia ser uma coisa totalmente imparcial, mas eu comecei a ser arbitro do comitê olímpico internacional então eu comecei a viajar por todo o mundo pelo Comitê Olímpico. Durante sete anos agora sem ser esses últimos três, para trás eu passei a viajar. Só existe no Brasil três árbitros A, categoria boa, profissionais, eu e mais dois ou três talvez. Então o comitê olímpico me convoca, me manda um *vouche*, uma passagem e eu vou e recebo em Euro. Então passei a arbitrar, montei uma empresa de esgrima e terceirizei o Departamento de Esgrima da Sogipa, durante três, quatro anos, mas como eu viajava muito para fora como árbitro, não podia. Meu outro sonho era ter uma sala de esgrima minha, aí o que aconteceu? Fui atleta, professor, árbitro, dirigente, empresário e agora não sei, agora estou em *stand by*. Trabalho com outras coisas.

G.B. – Têm uma pergunta que eu esqueci de fazer antes, então eu vou fazer agora. Em algum momento tu sentiu dificuldade de estar fora do eixo Rio - São Paulo. Eu sei que tu comentou que tu estava sempre viajando, mas tu sentiu?

L.F. – Não. Não senti dificuldade, porque eu treinava muito e sempre treinei sozinho. Quando eu tinha que duelar com alguém eu tinha o pessoal do União, eu tinha o pessoal da Sogipa, então eu sempre treinei forte. Então, por muito tempo, eu treinava sozinho. Eu botava um boneco na minha frente e me concentrava para aquelas ações, aquelas ações, mas as competições sempre tinha uma ou duas por mês. Teoricamente eu me focava para que o dia da competição, era o meu treinamento. Então eu usava os primeiros combates, os primeiros seis combates normalmente das eliminatórias, para fazer o aperfeiçoamento para semifinal e final.

G.B. – Têm algo que não foi perguntado que você gostaria de deixar registrado?

L.F. – Eu vou dizer assim, o que o esporte me deu na vida? Até agora ele me deu saúde, me deu e muita. Me deu experiência, me deu. Me deu alegrias, vitórias, tristezas, conhecimento de mundo, falo três línguas. Mas a principal coisa que ela me deu, foi como

interpretar a vida, que é como um duelo que é a esgrima. Então tu acha que tu perde ou tu acha que tu ganha, mas tudo se reverte. Tudo tem tempo para ser ruim e para ser bom e isso aprendi a usar na vida. Então no meu trabalho e na minha profissão eu nunca perco eu sempre ganho e eu ganho porque tive a experiência. Porque eu tive a oportunidade de estar ali e por estar ali. Então é isso que eu acho que é a parte fundamental que o esporte oferece.

G.B. – Muito obrigado!

[FINAL DA ENTREVISTA]